

SOBRE OS FINAIS DE ANÁLISE: SEXUAÇÃO E INVENÇÃO

*Tânia Coelho dos Santos**

RESUMO

Acredito que esta pesquisa sobre os finais de análise contribua para atualizar os princípios da direção da cura psicanalítica, retomando-os a partir dos impasses da sexuação. Isso é importante para orientar os praticantes da psicanálise aplicada sobre o que podemos esperar – sem abrir mão dos princípios dessa prática – no âmbito dos efeitos terapêuticos. Acredito que essa discussão contribua para renovar a controvérsia sobre a diferença estrutural entre a neurose e a psicose na contemporaneidade.

Palavras-chave: finais de análise; inconsciente; pulsão; sexuação; invenção.

ABSTRACT

ABOUT THE END OF ANALYSIS: SEXUALITY AND INVENTION

I believe that this research on the ends of analysis will be useful in updating the principles involved in psychoanalytical treatment, by reconnecting them with

* Professora Associada do Programa de Pós-graduação em Teoria Psicanalítica da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ); Doutora em Psicologia Clínica pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio); Pós-Doc no Département de Psychanalyse (Paris VIII); Coordenadora do Núcleo Sephora de Pesquisa; Membro da Escola Brasileira de Psicanálise e da Associação Mundial de Psicanálise.

sexuality impeachments. This path is a very important guide for the practitioners of applied psychoanalysis, regarding the therapeutic effects they may expect when preserving their principles. I hope this discussion will renew the controversy on structural differences between neurosis and psychosis in our days.

Keywords: ends of analysis; unconscious; drives; sexuality; invention.

A pesquisa em psicanálise não se reduz à repetição dos clássicos, ao contrário do que muitos críticos de nosso método de trabalho costumam afirmar. Ela nos exige atualizar as ferramentas teóricas e a experiência clínica para enfrentar os efeitos do progresso das ciências: as novas configurações do mal-estar e do sofrimento psíquico na civilização. Para a atualização do nosso conhecimento, é preciso incorporar urgentemente as transformações epistemológicas do discurso da ciência. Parece um paradoxo, mas se o sujeito sobre o qual a psicanálise opera não pode ser senão o sujeito da ciência, essas mudanças têm efeitos muito importantes nas relações da pulsão com a civilização. Em particular, aquelas que são efeito da própria difusão do discurso analítico e da radicalização das ideologias individualistas, na medida em que contribuem para a absolutização do direito ao gozo, empobrecendo as obrigações que sedimentam os laços sociais. Elas se refletem nos impasses novos que o sujeito encontra para tomar seu lugar no campo da fala, pois são a consequência dos novos imperativos ordenadores da cultura, imperativos estes que impulsionam ao consumo, aos excessos e às satisfações excluídas do circuito da fala.

Novas modalidades de sintoma, com efeitos inusitados sobre o laço social, desafiam o ato analítico, requerendo a renovação do campo da interpretação e da formação do psicanalista. Enfrentá-los, confrontando o risco de rebaixar o campo do inconsciente – campo da fala e da linguagem – à comunicação intersubjetiva, nos exige avançar a pesquisa psicanalítica.

Precisamos compreender melhor como se estruturam esses novos sintomas, pois, freqüentemente, não sabemos dizer se são

neuroses ou psicoses ou, até, se são novas neuroses e novas psicoses. Em conseqüência das mudanças na civilização, precisamos retomar os princípios da teoria e da prática psicanalítica para expandir as modalidades de tratamento, para subsidiar a psicanálise aplicada com fins terapêuticos em instituições de saúde, escolares e jurídicas. É preciso incentivar a pesquisa universitária sobre os princípios da prática psicanalítica, os finais de análise e a própria finalidade de uma análise, para que a universidade possa assumir o papel que ela deve ter na formação de psicanalistas e pesquisadores em teoria psicanalítica.

Em resposta a essas perguntas começamos por tomar como método fazer do vício virtude (Coelho dos Santos, 2004a). Se a posição subjetiva dominante nos dias de hoje é a reivindicação de ser tratado como uma exceção (Coelho dos Santos & Moraes de Azeredo, 2005) e, se o lugar do Outro na contemporaneidade oscila entre a impotência e a impossibilidade, a clínica psicanalítica precisa partir do caso a caso. É a conseqüência da precariedade dos universais, quando o simbólico é mais inconsistente e mais fragmentado e não temos mais certeza de que o Complexo de Édipo seja o sintoma coletivo. Não é suficiente classificar o sujeito como neurótico ou psicótico, de acordo com a presença ou a ausência do Nome do Pai. Muitas vezes, uma abordagem diagnóstica mais continuísta, baseada na quantidade pulsional, aponta que alguns sintomas neuróticos podem ser tão graves quanto os sintomas psicóticos. Na história do movimento psicanalítico, esses pacientes foram classificados como *borderlines* e tratados por meio da contratransferência como recurso técnico. O surgimento de uma teoria da técnica baseada na contratransferência foi o índice de que alguns analistas, Wilhelm Reich (1925) em particular, já percebiam que a distinção entre neurose e psicose não era muitas vezes tão nítida. Foi o sinal de que os poderes da interpretação do inconsciente como um retorno do recaiado eram insuficientes diante das novas modalidades de sofrimento psíquico. O desejo do analista, conceito lacaniano, não é – ao contrário do que se costuma repetir – sem relações com a contratransferência.

Mais além do inconsciente – que é estruturado como a linguagem – há um real da pulsão que é sem lei, em jogo na relação analítica. O conceito de desejo do analista foi fundamental para acolher a potência crítica, mas também superar a técnica de contratransferência (Coelho dos Santos, 2004a). Avançamos a nossa pesquisa em direção ao mais além do Édipo e do inconsciente, abordando o real sem lei da pulsão. Esse conceito descreve a inexistência da relação sexual como um estado de desacordo entre o saber e o gozo, que tem origem na diferença sexual e na dissimetria dos gozos feminino e masculino.

UMA NOVA ABORDAGEM DOS LIMITES DA INTERPRETAÇÃO

Para tratar os novos sintomas, que muitas vezes parecem inclassificáveis – nem neuróticos, nem psicóticos – é preciso que a investigação psicanalítica não reduza o Nome do Pai ao prisma exclusivo do Complexo de Édipo (Coelho dos Santos, 2005a). Em consequência da universalização dos direitos do homem e do progresso da ciência existe uma tendência ideológica, muito poderosa na contemporaneidade, à homogeneização dos sexos e das gerações. Essa ideologia, que nasceu com os movimentos sociais pela igualdade entre os sexos e as gerações, produziu nas décadas de 60 e 70, e produz ainda mais ativamente hoje, a desorientação do homem contemporâneo, que resulta da confusão de referências identificatórias sexuais e geracionais.

O significante mestre, fundamento das identificações, vacila, apaga-se ou é rebaixado. O índice mais evidente dessa nova configuração de valores é a quase inexistência de homens excepcionais. No lugar dos grandes inventores, escritores, governantes, políticos e visionários, a cena pública exhibe hoje, como afirma Miller (2003), sem nenhum pudor, uma grande quantidade de personagens medíocres, de cultura de massa, de governantes impotentes, de políticos corruptos, de homens míopes e manipuladores. Dificilmente continuaremos a pensar a função do Nome do pai por meio da força

constituente, da autoridade obscura, poética e infundada, do homem excepcional ou do texto sagrado. O declínio dos significantes sagrados e dissimétricos segue lado a lado com o esvaziamento do valor da transmissão da experiência entre as gerações (Coelho dos Santos, 2004b).

Não é apenas o declínio da diferença geracional que afeta o indivíduo contemporâneo de uma tendência à desidentificação. Também a desvalorização da diferença sexual tem efeitos de desregulação do corpo, do prazer e do gozo. O advento do discurso da ciência, apoiado na assunção de que todos os homens nascem livres e iguais, vem desenvolvendo uma concepção de ciência baseada em evidências estatísticas que impõe várias modalidades de avaliação dos indivíduos de acordo com um padrão, ou um tipo de homem ou mulher médio. O efeito dessa nova mentalidade avaliadora e homogeneizante, como desenvolve Miller (2005a; 2005b), é o de nos levar a presumir que existe um homem ou mulher sem qualidades, o que desemboçou na psicopatologia “prêt-à-porter” do DSM-IV. No lugar da fina psicopatologia clássica, herdada da psiquiatria e desenvolvida pela psicanálise, temos uma nova literatura científica que se refere a sintomas que nos parecem ilegíveis, porque nascem com essa forma de recusa do inconsciente e da singularidade do sujeito. A dúvida quanto ao diagnóstico é uma constante na prática atual. Como as psicoses são hoje muito menos delirantes e podem ser estabilizadas por meio de psicoterapias e medicamentos, muitas vezes não se distinguem das formas novas da neurose. Também as neuroses são muito menos alimentadas pelo sentido. No lugar do recalque da sexualidade e das formações do inconsciente, verificamos o florescimento de novos sintomas ou novas identificações: compulsões, adições, pânico, depressões que dispensam o sentido pois alcançam a satisfação por meio de um objeto determinado. No lugar das grandes doenças do Outro consistente – neuroses, psicoses e perversões –, temos doenças da mentalidade. Acredito que estas últimas se distinguem por uma precariedade simbólica que alguns pesquisadores em psicanálise acreditam ter relação com a fragilidade da metáfora paterna, mas

que se manifestam como uma subjetividade carente de autonomia e responsabilidade (Coelho dos Santos, 2005b).

Como Jacques Lacan (1965/1966) havia formulado no conhecido artigo “A ciência e a verdade”, cabe à psicanálise reintroduzir na consideração científica o Nome do Pai. O declínio de toda autoridade simbólica na cultura recomenda que no lugar de buscar a função do Nome do Pai sob a forma do ideal, do indivíduo excepcional, rastremos os efeitos do complexo de castração, da diferença sexual e da dissimetria essencial entre a modalidade de gozo feminino e masculino. Desse modo, fui levada a reduzir a questão da função paterna ao seu núcleo mínimo: um homem que coloca uma mulher no lugar de objeto causa do seu desejo. Deixei de procurar sua autoridade obscura e infundada nos emblemas e brasões do pai idealizado. Essa estrutura mínima, o desejo de um homem por uma mulher, será ela suficiente para sustentar o fardo pesado da autoridade paterna na constituição do sujeito e separar adequadamente meninos e meninas do desejo de suas mães?

A CLÍNICA DO REAL SEM LEI

Partir de um mínimo estrutural, em tempos de desprezo generalizado pela estrutura e gosto acentuado por evidências estatísticas, exige ir além da alternativa entre presença e ausência do Nome do Pai. Admitimos que esse critério distintivo seja essencial para diferenciar a neurose da psicose, mas não é suficiente para esclarecer os casos inclassificáveis da clínica contemporânea. Seguindo a orientação sugerida pelos investigadores do Campo Freudiano, sob a coordenação de Jacques-Alain Miller (Miller, 1997), estudei a possibilidade de estruturar uma nova abordagem diagnóstica baseada no critério da quantidade pulsional. Uma clínica continuísta, baseada no real da pulsão, que se acrescentaria à clínica estrutural clássica, baseada no Nome do Pai e no inconsciente (Miller, 1999a). Ela nos remete mais diretamente àquilo que regula a angústia, o sofrimento psíquico e a invasão de gozo. No curso dessa elaboração fui levada a

reconsiderar o papel do complexo de castração na abordagem da questão do sintoma neurótico ou psicótico como modo de regulação ou de desregulação pulsional. Justamente nesse ponto, fui obrigada a reconhecer (Coelho dos Santos, 2005c) que: porque o gozo não se reduz ao sentido, o homem e a mulher não podem ser reduzidos ao “sujeito do significante”, nem a particularidade do seu desejo pode ser homogeneizada sob a fórmula do fantasma unissex: $\$ \diamond a$. Acredito que na neurose (Coelho dos Santos & Antunes, 2007), bem como na psicose, o sintoma que regula o gozo é diferente conforme o sexo.

Comecei a testar a hipótese de que a diferença estrutural entre neurose e psicose não é um critério suficiente para classificar e tratar o sofrimento psíquico. É preciso reintroduzir a diferença entre os modos de regulação do real pulsional de homens e mulheres. A regulação fálica, própria ao sexo masculino, é muito diferente da desregulação erotomaniaca, própria ao gozo feminino. Na psicose, observamos muitas vezes um “empuxo à mulher”. Entretanto, o excesso pulsional e a desregulação numa mulher não são necessariamente psicoses. Em tempos de declínio da função paterna é preciso ter em conta a dissimetria dos modos de gozo masculino e feminino. Passei então a refazer o percurso do conceito de complexo de castração em Freud ([1923] 1977). Destaquei no texto freudiano ([1925] 1977) as linhas principais da constituição do sujeito menino e menina, diante da diferença sexual. Em particular sua consideração acerca das diferenças entre as atitudes diante do complexo de castração, a entrada e também a saída do Édipo de meninos e meninas. Recordo os pontos essenciais. O temor de ser castrado leva o menino a sair do Édipo. A menina entra no Édipo em conseqüência do sentimento de injúria narcísica, por não ter sido contemplada pela mãe com a posse do pênis (Freud, [1924] 1977). Retomei, à luz dos seminários de Lacan, a importância distintiva do pai para um e para o outro sexo. Ele é o agente imaginário da castração para o menino, que interdita o objeto incestuoso e que se reduz a um traço na identificação constitutiva do supereu. Para a menina ele é aquele que tem o

pênis e pode dá-lo, bem como pode dar um filho como substituto do falo que ela não tem. Diferentemente do menino, o pai não interdita propriamente o objeto incestuoso, nem se faz um traço de identificação no caso das meninas (Freud, [1931] 1977). Pude renovar o sentido, tantas vezes mal interpretado, da afirmação freudiana de que as mulheres não têm um supereu “tão inexorável, tão impessoal e tão independente de suas origens emocionais como exigimos que o seja nos homens” (Freud, [1925] 1977: 319-320). Essa dupla matriz ganha toda sua importância quando se trata de avaliar os resultados de uma análise. O rochedo da castração gira em torno do destino dos restos das relações com o mesmo sexo, que Freud chamou de repúdio da feminilidade. Os homens temem a castração e, por essa razão, temem submeter-se a outro homem. As mulheres aferram-se à reivindicação do falo como defesa contra os resíduos de suas relações libidinais arcaicas com a mãe (Freud, [1933] 1977). O repúdio da feminilidade, para um e para o outro sexo ou, dito de outro modo, a sexuação como homem ou como mulher, é o resto irreduzível de uma análise (Freud, [1937] 1977). Avanço a seguinte tese (Coelho dos Santos, 2005c): a psicologia de cada um, seu caráter em conformidade com seu sexo, é o rochedo da castração. O caráter diversamente sexuado é a expressão mais precisa do conceito de pulsão, na fronteira entre o somático e o psíquico. O caráter é um acontecimento provocado pela incorporação do significante da identificação a um corpo anatomicamente sexuado. Somente a incorporação do significante, homem ou mulher, permite ao ser humanizado pela linguagem alcançar sua sexualidade enquanto psíquica, que é tão somente um sintoma. É sobre esse terreno real da pulsão que as elucubrações fantasmáticas do inconsciente vêm se assentar. É preciso, para compreender melhor os transtornos da sexuação, referir-se à diferença entre o real e o inconsciente.

Efetuei um percurso nas formulações lacanianas sobre a diferença entre os sexos (Coelho dos Santos, 2006a). Verifiquei que no seu esforço de significantização do complexo de Édipo, e na intenção de elevar o mito edípico à dignidade da estrutura, esse psicana-

lista promoveu durante alguns anos de sua elaboração uma teoria da constituição do sujeito relativamente indiferente à diferença sexual. O axioma: “o sujeito é o que um significante representa para um outro significante”, que é quase um refrão do ensino lacaniano, não nos exige saber se o sujeito do significante é um homem ou uma mulher. As virtudes econômicas dessa formalização tenderam a reduzir as diferenças imaginárias entre os sexos – em particular as anatômicas – à diferença simbólica entre dois significantes. O que vem a ser um homem ou uma mulher? Quando se trata tão somente de significantes, parece que o sexo anatômico não é o aspecto mais relevante em jogo e sim a pura nomeação.

Ao acentuar a distinção entre a pulsão e o instinto, a transmissão do ensino de Lacan enfatizou a tese de que a pulsão não tem objeto, destacando o valor enigmático do desejo sexual. No fantasma inconsciente, são os objetos parciais que servem às finalidades de satisfação pulsional. Essa ferramenta conceitual ressaltou demasiadamente a idéia de que a sexualidade é auto-erótica e completamente desligada das finalidades naturais da biologia. Essa tendência foi reforçada pela formalização da fantasia inconsciente. A fórmula lacaniana do fantasma, $\$ \diamond a$, implica que consideremos que todo sujeito é sujeito do significante identificado ao traço paterno ideal e que deseja um objeto parcial, resto do gozo não significantizado (Lacan, [1964] 1973). A fórmula é unissex e o objeto do gozo fantasmático é auto-erótico. Como explicar então a orientação de um sexo em direção ao outro? Como é que se dá, uma vez que se parte do fantasma auto-erótico e unissex, o encontro do parceiro heterossexual e a cópula?

As leituras da sexuação, ensejadas pelo seu *Seminário XX* (Lacan, [1972-1973] 1975), aprofundaram a redução do sexo anatômico às suas conseqüências psíquicas. As fórmulas da sexuação promovem uma teorização do funcionamento psíquico masculino e feminino, como suplências da relação sexual que não há. Mais uma vez, a transmissão do ensino de Lacan nos levou a acreditar que qualquer indivíduo poderia, idealmente, situar-se do lado masculino ou feminino

da tábua da sexuação. O que é feito da diferença anatômica entre os sexos? Minha hipótese é a seguinte: o fato de que na psicose masculina existe freqüentemente um empuxo no sentido de encarnar e fazer existir “A Mulher” absoluta levou um grande número de pesquisadores a acreditar que essa posição subjetiva comprovaria que o sexo anatômico é independente do sexo psíquico. Essa interpretação da teoria psicanalítica separaria radicalmente Lacan de Freud. Uma outra evidência, abusivamente utilizada em apoio da dissociação entre sexo anatômico e sexo psíquico, é o fato de que algumas mulheres histéricas exibem teatralmente uma certa virilidade, resultado de uma identificação com o homem. Ambas as evidências contribuíram para apagar as marcas do exame delicado que Freud perseguiu das conseqüências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos.

Recentemente, Jacques Alain Miller (2000) esforçou-se para desenvolver uma tese acerca da biologia em jogo na obra de Lacan. Destacou em particular a idéia de que o sintoma é um acontecimento signifiante de corpo. Acredito que em sua abordagem da sexuação ele privilegia o sintoma. Seria preciso deslocar a questão da sexuação do campo dos efeitos do complexo de castração, do Édipo e da função paterna para o campo mais precoce da incidência da língua. Antes mesmo que um ser falante compareça, como acontecimento signifiante de corpo, ele é falado pelo Outro materno. Uma das primeiras marcas que uma criança recebe é a designação rígida como menino ou menina. Concluo que é graças às marcas precoces desta nomeação primeira que alguém pode reconhecer, ou não, que sua anatomia é seu destino.

Em outro conhecido artigo, Miller (1999b) nos apresenta toda uma tipologia do caráter masculino e feminino, bastante subversiva das representações tradicionais dos gêneros. Desenvolve, conforme os efeitos de uma lógica opositiva entre o ter e o não ter, a psicologia essencialmente prudente própria ao masculino. Avança, por outro lado, aquilo que é próprio às mulheres, a posição destemida e a tendência a afrontar aquele que pretende ocupar o lugar do mestre, lugar de exceção. O que explica essa vocação feminina para a con-

frontação é, conforme ele nos propõe, o fato de que não têm nada a perder. Quem não tem nada a perder também não se submete à regulação fálica. Penso que essa tipologia é extremamente útil para compreender a diferença essencial entre os sintomas masculinos e femininos. Ela surge da dissimetria essencial entre o modo de gozo feminino (excesso sem lei) e masculino (lei fálica). O homem, identificado ao pai como exceção (\$), deseja a mulher como objeto *a*, causa do seu desejo. As mulheres, por sua vez, procuram no homem a conjunção falo/pênis, que lhes proporciona um certo efeito de identificação e de regulação do excesso pulsional. Entretanto, isso não é tudo. Tal como Freud, Lacan ([1972-1973] 1975) reconhece que o continente negro da feminilidade não é o mesmo que a sexualidade feminina. A feminilidade, ele a formaliza por meio do matema *S* (*A*), que designa o gozo feminino com a fala enquanto tal. Do seu parceiro ela espera que ele fale, que ele lhe enderece palavras de amor. O impasse entre os sexos nasce dessa dissimetria entre o gozo sexual feminino e masculino. O gozo da mulher é tecido no discurso amoroso, enquanto que o homem aborda silenciosamente seu objeto fantasmático.

Penso (Coelho dos Santos, 2006b) que as conseqüências mais férteis dessa formalização se destacam em seu Seminário inédito *RSI* (Lacan, 1974-1975), quando ele redefine a função paterna reduzindo-a ao seu osso: a escolha que faz um homem de uma mulher em particular como objeto do seu desejo. Uma mulher precisa consentir em fazer semblante desse objeto causa do desejo de um homem. No seminário seguinte, intitulado *Le Sinthome* (Lacan, [1975-1976] 2005), ele desenvolve uma nova ética, a da responsabilidade sexual. Uma mulher é, para um homem, um *sinthoma*. Um homem é, para uma mulher, pior que um sintoma, uma aflição.

DO NOME DO PAI AO REAL SEM LEI: SEXUAÇÃO E INVENÇÃO

Com base nessa breve revisão das minhas principais considerações teóricas atuais, situo algumas questões a serem mais profunda-

mente investigadas. Acredito que essa pesquisa sobre os finais de análise, privilegiando a comparação entre homens e mulheres, contribua para atualizar os “princípios da direção da cura psicanalítica”, retomando-os a partir dos impasses da sexualização. Isso é importante para orientar os praticantes da psicanálise aplicada sobre o que podemos esperar (sem abrir mão dos princípios dessa prática) no âmbito dos efeitos terapêuticos. Acredito que essa discussão contribua para renovar a controvérsia sobre a diferença entre a neurose e a psicose na contemporaneidade.

A antiga grafia da palavra sintoma – *sinthoma* – vem aqui designar o que ele tem de mais essencial, seu osso. É em torno dessa diferença de grafia que vou desenvolver as novas etapas da minha pesquisa. De acordo com a tradição freudiana, os sintomas de um sujeito masculino são os resíduos das fixações auto-eróticas e o índice da não-dissolução do Complexo de Édipo. O *sinthoma* é outra coisa. Como Lacan ([1975-1976] 2005) precisou, uma mulher é, para um homem, um *sinthoma*. Uma mulher é o *sinthoma* de um homem, eu interpreto assim: porque ela localiza para ele o excesso da pulsão de morte. Uma mulher encarna, para um homem, o real sem lei da pulsão. Quero investigar mais detidamente as raízes da posição sexuada masculina em suas relações com o Nome do Pai. Em particular, trata-se de averiguar o laço entre a identificação (S_1) e as modalidades de escolha da parceira, com base no objeto *a*. Dada a estrutura normal do desejo fetichista masculino, como se traça a via que leva à paternidade para cada um? É preciso renovar a distinção entre a posição sexuada masculina da neurose obsessiva, uma vez que na tradição da clínica lacaniana alguns psicanalistas tendem a reduzir um ao outro.

Freud distinguia a sexualidade feminina (*Weiblich sexualität*) e a feminilidade (*Weiblichkeit*). Ela nos serve de princípio para distinguir os sintomas femininos do *sinthoma* masculino? Haverá do lado da mulher um *sinthoma*? Segundo Lacan, “um homem é para uma mulher pior que um sintoma, uma aflição” (Lacan [1975-1976] 2005). Do lado feminino haverá sintoma e/ou *sinthoma*?

Através do estudo dos relatos de final de análise (Coelho dos Santos, 2006b), venho tentando desdobrar as modalidades do consentimento feminino à posição de objeto do desejo de um homem (Coelho dos Santos, 2007). Como uma mulher se acomoda no fantasma masculino? Em que medida essa acomodação ao fantasma de um homem é reveladora do famoso continente negro da feminilidade, ou das obscuras relações primitivas de uma menina com sua mãe? Será que um homem sempre precisa fazer um certo cálculo sobre as relações de uma mulher com sua mãe para levá-la a consentir em encarnar aquilo que é, para ele, um objeto *a*? Por outro lado, uma mulher precisa, segundo Lacan ([1958] 1966), localizar no corpo do homem o significante do seu desejo. Isso é suficiente para localizar o real sem lei do gozo feminino? Existe conjunção ou disjunção entre a relação de uma mulher a S (*A*) – o discurso amoroso – e ao falo? Como distinguir os efeitos terapêuticos pacificantes de um final de análise propriamente dito com respeito a esse ponto?

A palavra *sinthoma* é utilizada, no *Seminário XXIII*, com outro sentido ainda, quando Lacan ([1975-1976] 2005) se refere aos efeitos de uma análise. A hipótese do inconsciente, ele esclarece, não é nada mais que o efeito da crença em Deus, no Nome do Pai. Ela é correlativa da suposição de saber ao Real. Ainda de acordo com Lacan, nesse mesmo seminário, podemos “prescindir do Nome do Pai, à condição de sabermos nos servir dele” (Lacan, [1975-1976] 2005: 136). Como exemplo desse ultrapassamento, ele apresenta a invenção do Real, isto é, seu próprio *sinthoma*. O Real é o nome que Lacan inventa para o campo da pulsão de morte, afastando-se por meio da invenção de uma nova escrita borromeana da pulsão, da energética freudiana. Esse passo metapsicológico foi desenvolvido noutro artigo (Coelho dos Santos, 2005d). O que significa, entretanto, esse outro uso da palavra *sinthoma*, que designaria um passo no sentido de prescindir, sabendo se servir do Nome do Pai? Será que a invenção de uma escrita é sempre o caminho masculino para separar-se da submissão a um outro homem? É o modo masculino de tratar o repúdio da feminilidade? Será que Lacan nos apresenta –

por meio de seu próprio caso, ao final de sua própria análise – o advento da invenção como um ultrapassamento masculino da ameaça de castração?

Finalmente, se Lacan define o analista como um *sinthoma*, como se articulam então, ao final da análise, a sexualização e a invenção, para homens e mulheres? Deveríamos designar, pelo artigo definido, “o” psicanalista e “a” psicanalista? Que lições podemos retirar desse esforço lacaniano de circunscrever e nomear a pulsão de morte e o incurável no final das análises para repensar as estruturas, as construções e o tratamento possível da psicose?

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Coelho dos Santos, T. (2004a). O que não tem remédio remediado está?. *Revista Latinoamericana de Psicopatología Fundamental*, v. VII, nº 1, 63-74.
- . (2004b). Le sacré dans la modernité, dans la gauche e dans la pratique lacanienne. *Lettre mensuelle de l'École de la Cause Freudienne*, v. 223, 1-32.
- . (2005a). A prática lacaniana na civilização sem bússola. Em Coelho dos Santos, T. (org.). *Efeitos terapêuticos na psicanálise aplicada* (pp. 61-92). Rio de Janeiro: Contracapa.
- . (2005b). A psicopatologia psicanalítica em Freud à Lacan. *Pulsional Revista de Psicanálise*, v. XVIII, nº 183, 74-81.
- . (2005c). Sinthoma e sexualização: insígnia ou caráter? *Latusa Revista de Psicanálise da EBP/RJ*, nº 10, 37-53.
- . (2005d). Por l'ex-sistencia de un significante nuevo! *Revista Acheronta*, nº 21. Disponível em: <http://www.acheronta.com/>. Acesso em: 22/05/2008.
- . (2006a). *Sinthoma: corpo e laço social*. Rio de Janeiro: Ed. Sephora/UFRJ.
- . (2006b). O psicanalista é um sinthoma. *Latusa Revista da EBP/RJ*, nº 11, 57-72.

- . (2007). Versões lacanianas do amor analítico. *Opção Lacaniana Revista Brasileira Internacional de Psicanálise*, nº 48, 99-105.
- Coelho dos Santos, T. & Antunes, M. C. C. (2007). Se todo gordo é feliz, a obesidade é um sintoma ou uma solução? Em Bastos, A. (org.). *Psicanalisar hoje* (pp. 191-204). Rio de Janeiro: Contracapa.
- Coelho dos Santos, T. & Moraes de Azeredo, F. (2005). Um tipo excepcional de caráter. *Psyché, Revista de Psicanálise*, v. V, ano IX, 77-96.
- Freud, S. (1923/1977). A organização genital da libido. *Obras completas, ESB*, v. XIX. Rio de Janeiro: Imago.
- . (1924/1977). A dissolução do complexo de Édipo. *Obras completas, ESB*, v. XIX. Rio de Janeiro: Imago.
- . (1925/1977). As conseqüências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos. *Obras completas, ESB*, v. XIX. Rio de Janeiro: Imago.
- . (1931/1977). Sexualidade feminina. *Obras completas, ESB*, v. XXI. Rio de Janeiro: Imago.
- . (1933/1977). Feminilidade. *Obras completas, ESB*, v. XXII. Rio de Janeiro: Imago.
- . (1937/1977). A análise terminável e interminável. *Obras completas, ESB*, v. XXIII. Rio de Janeiro: Imago.
- Lacan, J. (1958/1966). La signification du phallus. Em *Écrits* (pp. 685-696). Paris: Éditions du Seuil.
- . (1964/1973). *Le séminaire, livre XI, Les quatre concepts fondamentaux de la psychanalyse*. Paris: Éditions du Seuil.
- . (1965/1966). La science et la vérité. Em *Écrits* (pp. 855-876). Paris: Éditions du Seuil.
- . (1972-1973/1975). *Le séminaire XX, Encore*. Paris: Éditions du Seuil.
- . (1974-1975). *Seminário XXII, RSI*. Inédito.
- . (1975-1976/2005). *Le séminaire XXIII, Le Sinthome*. Paris: Éditions du Seuil.
- Miller, J.-A. (1997). *La conversation d'Arcachon: les inclassables de la clinique*. Paris: Le Seuil.
- . (1999a). *La psychose ordinaire, La convention d'Antibe*. Paris: Le Seuil.

- . (1999b). Un répartition sexuelle. *La cause freudienne*, nº 40, 7-28.
- . (2000). Biologie lacanienne et événement de corps. *La cause freudienne*, nº 47, 7-60.
- . (2003). *Le neveu de Lacan*. Paris: Verdier.
- . (2005a). A era do homem sem qualidades. *aSEPHallus, Revista do Núcleo Sephora de Pesquisa*, nº 1. Disponível em: <<http://www.nucleosephora.com/asephallus>>. Acesso em: 22/05/2008.
- . (2005b). *El Otro que no existe y sus comités de ética*. Barcelona: Paidós.
- Reich, W. (1925). *Der triebhaft Character*. Leipzig: Leipzig Internationaler Psychoanalytischer Verlag.

Recebido em 23 de abril de 2008

Aceito para publicação em 24 de maio de 2008